

## O ESPAÇO PÚBLICO COMO POSSIBILIDADE DE LAZER PARA A JUVENTUDE FUNKEIRA EM BELO HORIZONTE

Crislaine Custódia Rosa<sup>1</sup>  
Marcelo Henrique de Sá<sup>2</sup>  
Fahrenheit Barbosa Amarante<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho visa discutir alguns aspectos iniciais da pesquisa de mestrado da autora. Desse modo, apresentamos o baixo Centro de Belo Horizonte - MG e o espaço público como possibilidade de lazer para a juventude funkeira. Nosso objetivo é observar as sociabilidades juvenis e suas práticas espaciais na cidade, tendo o funk como atividade de lazer e o espaço público como principal campo de socialização. Das diversas manifestações culturais ligadas ao funk, está o passinho, que em Belo Horizonte passa a ser conhecido como “Passinho Malado de BH”. O passinho aparece como o principal elemento de sociabilidade dos sujeitos funkeiros de nossa pesquisa pelas diversas formas de socialização e encontros, e nessas relações também passam por diversos conflitos e tensionamentos.

### Palavras-chave

Juventude Funkeira; baixo Centro de Belo Horizonte; Lazer; Espaço Público.

### Introdução

Partindo da dissertação em andamento, buscamos escrever sobre um recorte em nossa observação sobre as sociabilidades juvenis e suas práticas espaciais na cidade de Belo Horizonte, tendo o funk como atividade de lazer e o espaço público como local para sua socialização.

A partir das práticas dos sujeitos e o uso do espaço, nos são apresentadas diversas ações e uma multiplicidade de sociabilidades, dentre elas a experiência da juventude. O grupo que acompanhamos tem como forma de sociabilidade principal o funk, mais especificamente o Passinho Malado de BH. Observamos então, a juventude como sujeito social, “que constroem um determinado modo de ser jovem” (Dayrell, p.40, p. 2003).

Nesse sentido, para melhores apontamentos sobre as possibilidades do uso do espaço público pelos jovens funkeiros apresentamos a cidade como espaço da ação desses jovens, que se apropriam, desfrutam e se movimentam nesses espaços e assim, transformam o território usado (SANTOS, 1996) e assim, apesar dos conflitos, serem espaços públicos para o lazer dessa juventude.

### Metodologia

---

<sup>1</sup> Mestranda em Geografia Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
- <http://lattes.cnpq.br/9142163000863742> . E-mail: [custodiacrislaine@gmail.com](mailto:custodiacrislaine@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
- <http://lattes.cnpq.br/3485306634120298> E-mail: [marcelohsa@gmail.com](mailto:marcelohsa@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (UFV). Pós-graduanda em Preservação e Difusão de Sítios e Estruturas a céu aberto (UFV) <http://lattes.cnpq.br/2112962092488952>.E-mail: [fahrenheit.amarante@ufv.br](mailto:fahrenheit.amarante@ufv.br)



A metodologia usada é a da observação sistemática e uso do caderno de campo. Através dessa metodologia foi possível entender os movimentos desses jovens, suas formas de socialização e sua interação com o funk. E com a ajuda do caderno de campo foi possível descrever minhas percepções sobre o que via e ouvia durante o campo, criando material necessário para o processo de escrita.

Para isso, realizaram-se 12 trabalhos de campo no período de 28/08/2021 a 15/04/2022. Neles, foi possível observar e registrar em um diário de campo os encontros, as formas de sociabilidade e as manifestações culturais ligadas ao universo funk, bem como os conflitos e tensionamentos enfrentados. Para a presente pesquisa nosso recorte espacial será o baixo Centro da cidade de Belo Horizonte.

## Resultados e Discussões

Para uma melhor compreensão sobre a importância de trabalharmos o uso dos espaços públicos da cidade para o lazer da juventude funkeira belorizontina, fundamentamos nossa abordagem a partir da construção de Brenner et. al (2003, p.30) de que

é principalmente nos tempos livres e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser, que os diferenciam do denominado mundo adulto. No contexto de menor controle das gerações adultas, os jovens elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis.

Desde contextos de estigmas à negação do funk enquanto cultura, o próprio conhecimento da juventude funkeira enquanto potência transformadora e latente na perspectiva cultural, seu direito à cidade foi negado por diversas vezes, conforme observamos em nossos campos.

A juventude é o sujeito da ação, o agente que transforma a cidade e a ela atribui novos usos. Partindo de nossa observação sistemática percebemos a realidade dessa juventude nos espaços da cidade e compreendemos como acontece o movimento de apropriação do espaço. O estilo, os símbolos, os signos e as tensões presentes no uso dos espaços públicos do baixo Centro da cidade de Belo Horizonte. Neto (2004,2008) atribui a essa juventude o título de “comunidades transnacionais de sentido”, sendo caracterizadas como micro grupos juvenis vinculados a gêneros estético e musicais. Esses grupos tendem a se territorializar na cidade, usando espaços como casas de show, galpões abandonados, praças e megaeventos.

Para essa juventude a cidade é “o próprio espaço da política, do encontro de ideias, dos ideais, das realidades e das possibilidades, onde os sujeitos desiguais disputam o seu uso e a sua apropriação, confrontando-se, permanentemente, pelos seus direitos” (CASSAB, 2010, p.37). Como campo de possibilidades para essa juventude, temos os espaços que essa juventude costuma frequentar, sendo eles a Praça da Estação, o Centro de Referência da Juventude e o baixo Viaduto Santa Tereza. Esses jovens dividem-se entre espaços seguros e não seguros, em que notamos como a figura do Estado que deveria passar segurança, passa medo, agressão e violência a esses corpos que buscam por espaços seguros de lazer.

Esses espaços citados estão sinalizados no mapa abaixo:

Figura 1: Zona Cultural Praça da Estação



Fonte: EDITAL ZONA CULTURAL PRAÇA DA ESTAÇÃO 2021

Pelo mapa acima citado, podemos ilustrar esses espaços de lazer usados pela juventude e notar a proximidade entre eles. Esse espaço é também conhecido como Zona Cultural no Plano da Prefeitura de Belo Horizonte. O Centro de Referência da Juventude (CRJ) está sinalizado por um quadrado alaranjado com a numeração 04, A praça da estação está sinalizada por um círculo cor de rosa e o baixo do Viaduto Santa Tereza está sinalizado por um círculo vermelho. No baixo Centro, são essas as localidades de lazer em que a juventude funkeira que trabalhamos se encontram para suas atividades do passinho.

Quando falamos do funk, um ritmo periférico, negro e marginalizado, espera-se encontrar essa juventude e suas práticas apenas nas zonas periféricas da cidade, mas o grupo que acompanhamos se destaca por se reunir nas zonas centrais da cidade de Belo Horizonte. Esses jovens encontram-se em espaços da cidade que são centrais, logo, pontos de fácil acesso e encontro, devido às suas regiões de partida e residência na cidade.

Quando esses jovens partem de seu local de residência e se movimentam até esses espaços de lazer e cultura, desenham sua territorialidade no espaço urbano, e a partir de sua identidade funkeira demarcam suas referências e dialogam com a cidade e os demais grupos.

O espaço público então é o local onde essa juventude se espacializa e confere assim novas identidades e significados. Suas ações e práticas criam novas referências para as novas gerações que podem ou não se identificar e espalhar modos de viver, dançar, ações e identidades.

Para isso, compreenderemos os usos feitos pelos jovens funkeiros nos espaços do baixo Centro, assim como tais usos estipulam territorialidades da cultura juvenil que afirmam a presença desses sujeitos nesses espaços e que tencionam as formas hegemônicas de usos da cidade.

O baixo do Viaduto Santa Tereza representa as manifestações culturais da juventude na diáspora. E é assim que consideramos o funk nesse trabalho, uma manifestação cultural da população negra em diáspora. A juventude aparece então enquanto produtores do espaço através de suas práticas de lazer, a partir da dança do passinho e assim disputam o espaço simbólico e material.



A leitura da cidade e seus espaços são fundamentais para o entendimento dos seus usos e processos.

Assim, é importante considerarmos em nossa discussão não apenas as relações sociais no espaço, mas também as relações raciais, suas trajetórias sociais e espaciais para assim entender quem é essa juventude e qual o seu papel no espaço público da cidade.

## Considerações Finais

Para firmar análises e teorias sobre os espaços e possibilidades de lazer para a juventude funkeira de Belo Horizonte, é preciso sempre voltarmos e considerarmos as necessidades dessa juventude e suas motivações. Quando esses jovens estão se locomovendo na cidade estão se comunicando com os espaços e com a cidade.

A dança, a música, os encontros são formas de lazer, de resistir, de ocupar e de exercer seu direito à cidade, que é de todos e todas. Nossa motivação ao escrever essa pesquisa parte da urgência que sentimos de enxergar as ações da juventude no espaço urbano como cultura potente e latente.

As práticas desses jovens que se caracterizam enquanto minorias étnicas nos desafiam enquanto pesquisadores e nos obrigam a pensar novas metodologias de trabalho e novas possibilidades para trabalharmos com a juventude na cidade e nos espaços públicos. A juventude quer e precisa viver a cidade de forma plena e segura.

Na cidade cabem todos os ritmos, ritos, estilos e identidades. O lazer, o tempo livre e a cultura caminham lado a lado para que o canto, a dança, o brilho tenha espaço e que abra caminhos em meio aos carros, repressão e opressão.

## Referências

BRENNER, A. K.; DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.– Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008, p. 29-44. 218 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde).

CASSAB, Clarice. “Como um fantasma sob a neblina...” os jovens, a cidade e a política. Caminhos de Geografia. Uberlândia. V.10, n 32. Dez/2009. P.57-68.

\_\_\_\_\_. Os jovens e a cidade: relações e representações. Revista de Geografia. Recife, UFPE. DCG/ NAPA, v.27, n/27 jan/abr, 2010.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista brasileira de educação. 2003. Set/out/nov/dez. n24. P. 40 – 52.



“TURISMO CULTURAL E  
MARKETING CRIATIVO”

FÓRUM INTERNACIONAL  
DE TURISMO DO IGUASSU

17ª edição | 2023  
31MAI A 02JUN  
Foz do Iguaçu - Paraná - Brasil

NETO, Nécio Turra. Enterrado vivo: identidade punk e território em Londrina. Presidente Prudente: EDUNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. Tese de Doutorado em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente: 2008. 516 p.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo, HUCITEC, 1996.